

## Considerações iniciais

---

---

*“Esquecer o passado é negar toda efetiva  
experiência de vida; negar o futuro é abolir  
a possibilidade do novo a cada instante.”*  
Adauto Novaes

Este trabalho, a princípio, foi desenvolvido para a disciplina *Tópicos da História e Filosofia da Matemática*, ministrada pelo professor Dr. Ubiratan D'Ambrosio, no segundo semestre de 2003, para o curso de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática da PUC SP.

Como a disciplina envolvia a História da Matemática, uma das sugestões do professor D'Ambrosio foi que um dos trabalhos pudesse focar a história de vida de um professor de matemática, defendendo a importância de serem desenvolvidas pesquisas deste gênero.

A professora Dra. Circe Maria Silva da Silva realizou um levantamento de artigos na área de História da Matemática em periódicos portugueses e brasileiros. Constatou que a maioria deles tratava da “história de conceitos, tanto da Matemática elementar quanto da superior. Todavia, os pesquisadores não se limitam a investigar apenas a história dos conceitos, existe uma relativa diversificação de temas de interesses, incluindo a história de vidas de matemáticos(as), educadores e mesmo a

discussão de temas de fundamentação sobre a área.”<sup>1</sup> No entanto, verifica-se que em relação a história de vida de professores de matemática as pesquisas são muito restritas.

Interessando-me por realizar um trabalho sobre a história de vida de um professor de matemática, consultei o professor Saddo Ag Almouloud sobre a possibilidade de que ele fosse o protagonista da história que eu escreveria. Ele se mostrou muito receptivo e honrado com a minha escolha.

Para efetivar este trabalho, que é uma história de vida, foi necessário enveredar pela perspectiva da história oral, considerando o uso da palavra como documento de registro e análise. Para Meihy (1998) a utilização da entrevista como instrumento de coleta de dados de uma pesquisa que trabalha com a história oral, vem contribuir para:

1. *O registro, o arquivamento e a análise da documentação colhida por meio do recolhimento e trabalho de edição de depoimentos e testemunhos feitos com recursos da moderna tecnologia;*
2. *A inclusão de histórias e versões mantidas por seguimentos populacionais antes silenciados, evitados, esquecidos ou simplesmente desprezado por diversos motivos;*
3. *As interpretações próprias, variadas e não oficiais de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea. (p.11)*

---

<sup>1</sup> SILVA, Circe Mary Silva. Educação Matemática – História e Cultura In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7, 2001, Rio de Janeiro. *Anais...* (CD-Rom), São Paulo: SBEM, 2002.

É preciso ressaltar que, atualmente, a história oral se faz presente em inúmeros trabalhos acadêmicos, integrando uma corrente que discute a prática tradicional da história centrada em documentos oficiais e impressos. A história oral aproxima-se da micro-história.

Meihy (1998) indica que a “história oral de vida é o retrato do depoente. Nessa direção, a verdade está na versa oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.” (p.45) Porém, quero informar que o professor Saddo fez a leitura das versões preliminares e da versão final, autorizando a sua divulgação.

Este foi um trabalho que exigiu uma nova forma de pesquisa, pois foi o primeiro que eu realizei com esta perspectiva. As muitas interrogações que surgiram sobre a apresentação da pesquisa foram, aos poucos, sendo dissipadas e optei por uma forma que não se insere em nenhuma das que eu conheço, embora, possam existir trabalhos que tenham apresentação semelhante a que eu escolhi.

Utilizei como instrumentos de coleta de dados um memorial e artigos escritos pelo professor Saddo, seu *Currículo Lattes*, disponível na base da Plataforma Lattes do CNPQ e cinco entrevistas semi-estruturadas. Estas, foram realizadas na sala da vice-coordenação do *Programa de Estudos Pós-graduados em Educação Matemática* da PUC SP, onde fui muito bem recebida. A leitura do memorial e do currículo precederam à primeira entrevista, possibilitando a organização do roteiro da mesma, que conduziu a primeira versão escrita do trabalho. Em cada etapa, novas questões surgiam, propiciando a

ampliação gradativa do texto. Estive presente em um dos dias da comemoração da Semana da África, promovida pelo Fórum África em 2004. Foi muito importante para que eu pudesse avaliar os esforços que africanos e afro-descendentes vêm despendendo para valorizar a cultura africana no Brasil. Além disso, consultei artigos, a enciclopédia eletrônica Barsa, sites da WEB para me apropriar das questões econômicas, políticas e sociais da República do Mali, país de origem do professor Saddo Ag Almouloud.

De acordo com Bardin (1997), a análise da enunciação parte de uma *concepção de discurso como palavra em ato*, sendo a produção da palavra um processo. Na análise da enunciação considera que

*“na altura do produção da palavra, é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições Isto é particularmente evidente nas entrevistas em que a produção é ao mesmo tempo espontânea e constrangida pela situação.” (Bardin, 1997, p.170).*

As fronteiras entre o oral e o escrito são, algumas vezes, pouco visíveis, outras, bem delimitadas. Cabe ao historiador delinear o mapa do seu texto, subdividi-lo e criar os meandros pelos quais o leitor passeia e se sente parte daquele tempo e espaço.

O presente trabalho foi subdividido, tentando manter uma ordem cronológica, ainda que, algumas vezes, tempos e espaços se mesquem.

Os subtítulos foram pensados, pretendendo-se resumir o teor apresentado em cada um deles:

1. Laços antigos de um abraço continental I
2. Reminiscências de outrora. A infância, trajetória escolar e acadêmica: laços com a matemática
3. Reminiscências do Mestrado e Doutorado: laços com a Educação Matemática
4. Reminiscências... Laços antigos de um abraço continental II
5. Publicações: laços com a pesquisa
6. Atividades atuais: laços do presente
7. Perspectivas para o futuro: laços em gestação

A princípio, queria deter-me nas reminiscências da outrora e do passado recente do professor Sardo. Mas como não falar do seu presente e dos seus projetos para o futuro? Senti que seria necessário ultrapassar o limite marcado inicialmente na linha do tempo traçada. Deste modo, o título não expressa todo o teor do trabalho. No entanto, optei por mantê-lo porque acontecimentos que marcam a nossa vida se revelam através das reminiscências. Porque o presente acontece e, o futuro, apesar de indefinido, se faz também dos erros, acertos e desejos de outrora e do passado recente.

Por ser o primeiro trabalho que realizei sobre a história de vida de um professor, reconheço que lacunas e falhas existem.

Contudo, foi muito prazeroso conhecer um pouco da vida de alguém que é um ser humano admirável, um profissional competente e dedicado, que não se importou em falar abertamente sobre sua vida pessoal e profissional, contar as suas vitórias e, com a mesma naturalidade, expor suas limitações e dificuldades.

A história de vida é um relato autobiográfico que vai sendo tecido e ampliado em cada etapa. Como investigadora, busquei reencontrar os passos de uma vivência... de instantes de tempo dispersos, que pareciam difíceis de se materializar. Nossos diálogos eram interrompidos e se faziam presentes as pausas, as hesitações. Durante curtos espaços de silêncio, o olhar de Saddo, “perdido no infinito”, ia a busca de momentos congelados no passado. Então, eles renasciam, como Phoenix, se tornando palpáveis e visíveis nos templos da sua memória e, como mágica, se transformavam em palavras. Às vezes nítidos, às vezes esmaecidos, tempos idos, aos poucos, se materializavam no agora.

Foi uma experiência única: o traslado, ainda que “virtual”, para a África... o encantamento pela cultura de um povo que tem diferenças e semelhanças com os brasileiros. Muitos momentos inesquecíveis. Nas nossas conversas, eu me vi em Mali através do brilho dos olhos do professor Saddo, que consegue realizar este “teletransporte” com as energias da sua emoção, fazendo-me percorrer campos de Tonka, entre ouvir falas familiares, sentir o vento e a poeira da estrada, comover com sua garra e coragem, transitar pelos bancos escolares; e trazer-me de volta à realidade, junto com ele, ao Brasil.